

Relação entre o tempo de serviço e qualidade de vida em voz de um grupo de professores universitários

The relationship between length of service and the quality of life in the voice of a group of university professor

Lourdes Bernadete Rocha de Souza^{1*}; Patrícia Brianne da Costa Penha²

¹Doutora em Ciências da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. UFRN. Docente do Departamento de Fonoaudiologia. UFRN; ²Graduada em Fonoaudiologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Resumo

Introdução: a existência de um problema na voz pode comprometer significativamente o desempenho do indivíduo no seu dia a dia, tanto profissionalmente, como pessoalmente. Nesse sentido, são utilizados protocolos de autoavaliação vocal que permitem ao clínico verificar o verdadeiro impacto de uma alteração na voz em relação à qualidade de vida. **Objetivo:** verificar a relação entre o tempo de serviço e a qualidade de vida em voz de um grupo de professores universitários. **Metodologia:** estudo observacional, transversal. Participaram deste estudo 42 professores universitários, na faixa etária entre 25 a 72 anos, de ambos os sexos. Os docentes foram submetidos à realização de uma autoavaliação vocal por meio do questionário Qualidade de Vida em Voz. **Resultados:** os resultados revelaram tempo de atuação profissional curto, com predomínio do sexo masculino (61,9%). Dentre os sintomas vocais mais referidos nesta amostra estão a sensação de garganta seca (14,28%) e a rouquidão (11,90%), e o sexo feminino foi o mais acometido por estas alterações. A relação entre o tempo de serviço e os domínios da Qualidade de Vida em Voz demonstrou que o funcionamento físico foi o mais comprometido. **Conclusão:** não houve relação entre o tempo de serviço e a qualidade de vida em voz do grupo de professores avaliados. O domínio físico foi o mais afetado no grupo com queixa vocal. As queixas vocais mais relatadas foram a sensação de garganta seca e a rouquidão, bem como as mulheres foram as que mais apresentaram estes sintomas.

Palavras-chave: Docentes. Autoavaliação. Voz. Qualidade de vida.

Abstract

Introduction: the existence of a problem in the voice can significantly impair the individual's performance in their daily lives, both professionally and personally. Accordingly, vocal self-assessment protocols are used to allow the clinician to verify the actual impact of a change in voice with regard to quality of life. **Objective:** verify the relationship between length of service and the quality of life in the voice of a group of university teachers. **Methodology:** observational and cross-sectional study. A group of 42 university professors, aged between 25-72 years and of both sexes. The subjects were divided into two groups: individuals aged 25-40 years old and individuals over the age of 41 years old. Professors underwent performing a vocal self-evaluation through the questionnaire "Voice-Related Quality of Life". **Results:** the results revealed short professional performance time however, with a predominance of males (61.9%). Among the most vocal symptoms listed in this sample are the sensation of dry throat (14.28%) and hoarseness (11.90%), and female gender was the most affected by these changes. The relationship between length of service and areas of Voice-Related Quality of Life demonstrated that physical functioning was the most committed. **Conclusion:** there was no relationship between the length of service and the quality of life in the voice of the group of evaluated teachers. The physical domain was the most affected in the group with vocal complaints. The most frequent vocal complaints were the feeling of dry throat and hoarseness, being women the ones that most presented these symptoms.

Keywords: Faculty. Self-assessment. Voice. Quality of life.

INTRODUÇÃO

A voz é um instrumental essencial para o processo de socialização humana e o seu uso gera impactos na qualidade de vida do sujeito, principalmente daqueles que dependem da voz como instrumento de trabalho (ANHAIA; KLAHR; CASSOL, 2015).

Dentre estes profissionais da voz, encontram-se os professores que apresentam maior predomínio em adquirir alterações vocais em consequência da alta demanda

vocal que a profissão exige, bem como à falta de conhecimento acerca da saúde vocal (KASAMA; BRASOLOTTO, 2007). Os professores são considerados os profissionais da voz que mais apresentam alterações vocais, uma vez que o seu uso é contínuo e altamente exigido (SOUZA, 2010).

É fundamental que a voz deste profissional seja inteligível, perceptível, motivadora, produtiva e eficiente para que mantenha a atenção dos discentes ao conteúdo que está sendo transmitido, tarefa esta que faz com que cada docente adote diferentes estratégias de emissão vocal, criando uma identidade própria (FUCCIO AMATO, 2010; SERVILHA; COSTA, 2015).

Vale salientar que no decorrer dos anos no exercício da profissão, é alta a probabilidade de se adquirir

Correspondente/Corresponding: *Lourdes Bernadete Rocha de Souza – Departamento de Fonoaudiologia -Av. General Gustavo de Farias, S/N. Petrópolis – Natal-RN – Tel: 55 -084-33429738 – E-mail: hsouza660@gmail.com

um problema vocal. O desgaste na voz ocorre de forma progressiva e o indivíduo vai gradativamente assumindo como normal o padrão vocal alterado, identificando-se com ele e acreditando que este padrão é aceitável devido ao tipo de profissão que exerce (FUCCIO AMATO, 2010).

Dentre os profissionais de vários níveis de ensino, o professor universitário é visto como o que possui melhor âmbito de trabalho, no entanto, este profissional também está exposto a fatores relacionados ao estresse, compromisso com o trabalho e competitividade, fatores estes que podem contribuir para o aparecimento de problemas vocais e a necessidade, de recorrer a orientação e/ou avaliação da voz (FABRÍCIO; KASAMA; MARTINEZ, 2010).

Em decorrência do constante uso da voz por parte desses profissionais, vários sintomas podem se manifestar indicando um problema vocal. Dentre os sintomas mais presentes nessa classe profissional pode-se citar a presença de esforço e fadiga vocal, falhas na voz, rouquidão, voz com padrão mais grave que o normal, pigarro, queimação, incômodo na garganta ou desconforto ao falar, dificuldade em aumentar a intensidade e projetar a voz (BRUM, 2004).

Vários são os tipos de protocolos de avaliação vocal. Estes vão desde a avaliação clínica realizada pelo fonoaudiólogo, até a autoavaliação vocal realizada pelo próprio indivíduo.

Os resultados adquiridos por intermédio da análise perceptivo auditiva e acústica da voz não são suficientes para verificar o verdadeiro impacto da alteração vocal no indivíduo, uma vez que não fornece informações sobre a percepção deste quanto às limitações impostas na sua vida. Diante disso, deve-se sempre ser levado em consideração a autopercepção em uma avaliação vocal, objetivando investigar o impacto do distúrbio vocal na qualidade de vida e o grau em que este se apresenta (HOGIKYAN; SETHURAMAN, 1999; KASAMA; BRASOLOTTO, 2007; UNGULINO et al., 2012).

Muitos são os estudos realizados sobre a voz do professor, dada a crescente preocupação que os problemas de voz nessa classe tem demonstrado, seja pelo próprio contingente, seja por questões sociais, no entanto, poucos são os estudos encontrados na literatura com relação a voz do professor universitário.

Diante desses argumentos, justifica-se este estudo no sentido de verificar a relação entre o tempo de serviço e a qualidade de vida em voz, bem como a interferência das queixas vocais, em um grupo de professores universitários.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional do tipo transversal. A população estudada foi composta por 42 docentes universitários de uma universidade pública, na faixa etária entre 25 a 72 anos de ambos os sexos. Os indivíduos foram divididos em dois grupos: G1: indivíduos com idade entre 25 a 40 anos, período de maior eficiência vocal (BEHLAU et al., 2001) e G2, indivíduos com idade acima de 40 anos. Foram incluídos nesse estudo docentes universitários, que pertencessem a mesma Instituição, de ambos os

sexos, sem limite de idade e que aceitassem participar da pesquisa. O critério de exclusão desse estudo esteve pautado somente quanto a proveniência dos professores.

Todos os participantes foram submetidos à realização da autoavaliação vocal por meio do questionário "Voice-Related Quality of Life" – V-RQOL elaborado por Hogikyan e Sethuraman (1999) e adaptado para o português como "Qualidade de Vida em Voz" – QVV (BEHLAU et al., 2009). O referido protocolo tem por finalidade analisar a percepção que os docentes possuem em relação a sua saúde vocal e de suas respectivas reações diante das alterações na voz. Apresenta 10 itens, sendo assim distribuídos: domínio sócio emocional (questões 4, 5, 8 e 10) e o físico (questões 1, 2, 3, 6, 7 e 9) bem com o aspecto global (todas as questões). Cada questão possui uma escala para avaliar a severidade do problema como a frequência de aparecimento, sendo da seguinte forma: 1= nunca acontece e não é um problema; 2= acontece pouco e raramente é um problema; 3= acontece às vezes e é um problema moderado; 4= acontece muito e quase sempre é um problema; 5= acontece sempre e realmente é um problema ruim. Estes domínios apresentam valores que, depois de padronizados, variam entre zero e cem, considerados como piores os valores mais próximos de zero e melhores os mais próximos de cem. Para o cálculo dos domínios utilizou-se as expressões sugeridas na literatura, conforme os algoritmos abaixo demonstrados.

O nível sócio emocional corresponde as questões 4 (Fico ansioso ou frustrado por causa da voz), 5 (Fico deprimido por causa da minha voz), 8 (Evito sair socialmente), 10 (Tenho me tornado menos expansivo por causa da minha voz), os quais são aplicados na seguinte equação:

$$\frac{100 - [(Q.4 + Q.5 + Q.8 + Q.10 - 4)]}{16} \times 100 = \text{Domínio sócioemocional}$$

Quanto ao domínio físico, as questões correspondentes a este domínio são a 1 (Tenho dificuldade em falar forte ou ser ouvido em ambiente ruidoso), 2 (O ar acaba rápido e preciso respirar muitas vezes enquanto falo), 3 (Não sei como a voz vai sair quando começo a falar), 6 (Tenho dificuldades ao telefone por causa da minha voz), 7 (Tenho problemas no meu trabalho ou para desenvolver a minha profissão por causa da voz), 9 (Tenho que repetir o que falo para ser compreendido) inseridos na seguinte equação:

$$\frac{100 - [(Q.1 + Q.2 + Q.3 + Q.6 + Q.7 + Q.9 - 6)]}{24} \times 100 = \text{Domínio físico}$$

E por último o domínio considerado global, o qual contempla todas as questões na equação:

$$\frac{100 - [(Q.1 + Q.2 + Q.3 + Q.4 + Q.5 + Q.6 + Q.7 + Q.8 + Q.9 + Q.10 - 10)]}{40} \times 100 = \text{Domínio global}$$

A variável dependente utilizada neste estudo consistiu no Escore total e parcial (domínios sócio emocional e físico) do protocolo QVV e queixa vocal, e as variáveis independentes: o tempo de serviço, idade, sexo (Tabela 1).

A análise descritiva das variáveis contemplou as medidas de frequência absoluta e relativa. Os resultados foram tabulados e analisados estatisticamente utilizando o programa PSPP versão 2.0, com nível de significância de 5%. As variáveis pertencentes a esse estudo foram analisadas por meio dos testes Coeficiente de Correlação de Spearman, Qui-quadrado e Mann Whitney.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Instituição de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a qual versa sobre a ética em pesquisa com seres humanos e aprovada sob o número 59136/12. Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de serem submetidos aos procedimentos da pesquisa.

RESULTADOS

A faixa etária da amostra variou entre 25 à 72 anos, com média de 42,79 ($\pm 12,49$) anos, sendo assim distribuídos: área tecnológica 19 (45,20%), área da saúde 17(40,50%) e área de humanas 6 (14,20%). Houve maior número de professores com idade entre 25 a 40 (57,10%), período este de maior eficiência vocal, bem como maior número de professores das áreas da saúde e tecnológica.

A frequência do sexo masculino foi predominante entre os professores 26 (61,90%). Com relação ao tempo de serviço prevaleceram os professores que possuíam de 1 a 10 anos de ensino, 23 (54,80%). A maioria não apresentou queixa vocal 24 (57,10%).

Com relação as queixas vocais e o tempo de profissão, os professores com menor tempo de docência (entre 1 a 10 anos), apresentaram maior relato de queixa vocal 13 (72,20%) que os professores com maior tempo de serviço,

(acima de 20 anos), 3 (16,70%).

Ambos os sexos apresentaram maior escore no domínio sócio emocional: média de 96,9 no sexo feminino; e média de 96,7 para o sexo masculino. Quanto ao domínio físico, o sexo masculino obteve média de 88 e o sexo feminino obteve média de 87,60, revelando que em ambos os sexos o domínio físico foi o mais representativo. Dos 42 professores avaliados nesse estudo, 17(40,47%) relataram queixas vocais, assim distribuídas: sensação de garganta seca 6 (14,28%); rouquidão – 5 (11,90%); perda do volume da voz -4 (9,52%) e cansaço ao falar – 2 (4,76%).

Tabela 1 – Distribuição dos valores absolutos e relativos da amostra dos professores em relação às variáveis faixa etária, sexo, tempo de serviço e queixa vocal. Natal, 2015.

Variáveis	n (%)
Faixa Etária	
25 a 40	24(57,1%)
41 a 72	18(42,9%)
Sexo	
Masculino	26(61,9%)
Feminino	16(38,1%)
Tempo de serviço	
1 a 10 anos	23(54,8%)
11 a 20 anos	7(16,7%)
Acima de 20 anos	12(28,6%)
Queixa Vocal	
Com queixa	18 (42,9%)
Sem queixa	24 (57,1%)
Área de atuação	
Tecnológica	19 (45,2%)
Saúde	17 (40,5%)
Humanas	6 (14,2%)

Tabela 2a – Análise descritiva dos escores obtidos pelos professores do sexo feminino nos domínios do QVV e o tipo de queixa vocal presente. Natal, 2015.

Sujeitos	Sexo	Sócio emocional	Físico	Global	Queixa vocal
1	Feminino	94	67	78	perda do volume da voz
2	Feminino	94	75	83	garganta seca
3	Feminino	100	96	98	rouquidão
4	Feminino	69	58	63	rouquidão
5	Feminino	100	67	80	garganta seca
6	Feminino	94	92	93	perda do volume da voz
7	Feminino	100	88	93	garganta seca
8	Feminino	100	100	100	garganta seca
9	Feminino	100	83	90	rouquidão
10	Feminino	100	92	95	sem queixa
11	Feminino	100	88	93	sem queixa
12	Feminino	100	96	98	sem queixa
13	Feminino	100	100	100	sem queixa
14	Feminino	100	100	100	sem queixa
15	Feminino	100	100	100	sem queixa
16	Feminino	100	100	100	sem queixa
Média	96,9	87,6	91,5	-----	

Tabela 2b – Análise descritiva dos escores obtidos pelos professores do sexo masculino nos domínios do QVV e o tipo de queixa vocal presente. Natal, 2015.

Sujeitos	Sexo	Sócio emocional	Físico	Global	Queixa vocal
1	Masculino	94	63	75	garganta seca
2	Masculino	94	79	85	rouquidão
3	Masculino	81	79	80	cansaço ao falar
4	Masculino	94	83	88	perda do volume da voz
5	Masculino	81	38	55	rouquidão
6	Masculino	100	96	98	garganta seca
7	Masculino	88	83	85	cansaço ao falar
8	Masculino	100	92	95	perda do volume da voz
9	Masculino	100	83	90	sem queixa
10	Masculino	81	71	75	sem queixa
11	Masculino	100	96	98	sem queixa
12	Masculino	100	63	78	sem queixa
13	Masculino	100	83	90	sem queixa
14	Masculino	100	92	95	sem queixa
15	Masculino	100	96	98	sem queixa
16	Masculino	100	96	98	sem queixa
17	Masculino	100	96	98	sem queixa
18	Masculino	100	100	100	sem queixa
19	Masculino	100	100	100	sem queixa
20	Masculino	100	100	100	sem queixa
21	Masculino	100	100	100	sem queixa
22	Masculino	100	100	100	sem queixa
23	Masculino	100	100	100	sem queixa
24	Masculino	100	100	100	sem queixa
25	Masculino	100	100	100	sem queixa
26	Masculino	100	100	100	sem queixa
Média		96,7	88	91,6	-----

Tabela 3 – Correlação entre as variáveis tempo de serviço e qualidade de vida em voz dos professores. Natal, 2015.

Variáveis	QVV global		QVV sócio emocional		QVV físico	
	rho	p	rho	p	rho	p
Tempo de serviço	0,171	0,279	0,199	0,207	0,161	0,308

$p < 0,05$ – Teste de Spearman

Tabela 4 – Valores absolutos e relativos quanto ao tempo de serviço e queixa vocal dos professores. Natal, 2015.

Variáveis	Queixa vocal		
	Sim	Não	valor p
Tempo de serviço	18 (42,9%)	24 (57,1%)	0,77

$p < 0,05$ – Teste Mann Whitney

Tabela 5 – Média dos valores do QVV dos professores com queixa e sem queixa vocal e seus respectivos desvio padrão e valor de p. Natal, 2015.

Variáveis	Grupo com queixa vocal		Grupo sem queixa vocal		Valor de p
	Média	DP	Média	DP	
QVV					
Sócio emocional	93,40	8,70	99,22	3,82	<0,001*
Físico	79,40	16,00	94,10	9,97	<0,001*
Global	85,00	12,12	96,15	6,87	<0,001*

* $p < 0,05$ – Teste Mann Whitney

QVV- Qualidade de vida em voz

Tabela 6 – Valores absolutos e relativos das variáveis sexo e queixa vocal e seu respectivo valor de p. Natal, 2015.

Variável	Sexo		p valor
	feminino	masculino	
Queixa vocal			
Sim	10 (63,5%)	8 (30,8%)	0,044*
Não	6 (37,5%)	18 (69,2%)	

* $p < 0,05$ – Teste Qui-quadrado

Tabela 7 – Correlação entre o tempo de serviço e o tempo de queixa. Natal, 2015.

Variáveis	rho p
Tempo de serviço x tempo de queixa	-0,162 0,307

$p < 0,05$ – Teste de Spearman

DISCUSSÃO

Este estudo objetivou verificar a relação entre o tempo de serviço e qualidade de vida em voz, bem como as queixas vocais apresentadas por um grupo de professores universitários e sua relação com os domínios sócio emocional e físico por meio do protocolo QVV.

A maioria dos estudos relacionados a qualidade de vida em voz tem sido realizado com professores do ensino infantil, fundamental e médio, no entanto, na literatura, ainda são escassos os estudos que envolvem em sua amostra professores universitários.

No presente estudo, houve predomínio do sexo masculino (Tabela 1), achado este contraditório com os resultados de estudos realizados com professores do ensino básico, sendo o sexo feminino predominante (GRILLO; PENTEADO, 2005; PIZOLATO et al., 2013; ROCHA; FERNANDES, 2008). Este resultado é também discordante de outros estudos realizados com professores universitários (ANHAIA; KLAHR; CASSOL, 2015; SERVILHA, 2005; SERVILHA; COSTA, 2015). O que pode justificar o menor número de mulheres nesse estudo, pode estar relacionado ao maior número de professores da área tecnológica na amostra estudada.

Conforme demonstra a Tabela 2 com relação aos sintomas vocais, os mais referidos foram a sensação de garganta seca e rouquidão, resultado este em consonância com outras pesquisas realizadas com professores universitários (ANHAIA; KLAHR; CASSOL, 2015; SERVILHA; PEREIRA, 2008; SERVILHA; ROCCON, 2009). O que pode justificar esta concordância possivelmente esteja relacionado ao fato de os professores, em sua maioria, apresentarem desconhecimento acerca de técnicas vocais, falta de hidratação adequada, tensão ao falar e condições de trabalho prejudiciais, como ambiente acústico inadequado e/ou ruído competitivo, fatores estes que podem interferir na obtenção de uma boa qualidade vocal (AZEVEDO et al., 2009).

Em relação aos domínios referenciados pelo QVV, o domínio do funcionamento físico (Tabela 2a e 2b), apresentou média de escore inferior ao sócio emocional e revelou dificuldades para falar ao telefone por causa da voz, ter problemas no trabalho ou para desenvolver a profissão por causa da voz e repetir o que fala para ser compreendido, interferindo na qualidade de vida em voz para pior, concordando com resultados de outros estudos (KASAMA; BRASOLOTTO, 2007; MURRY et al., 2004; SERVILHA; ROCCON, 2009).

De acordo com a Tabela 3, verificou-se que o tempo de serviço não interferiu em nenhum dos domínios

pertinentes ao protocolo QVV, revelando que o tempo de atuação docente não foi suficiente para interferir na qualidade de vida em voz desses profissionais.

Nesse estudo os professores com mais tempo de serviço não apresentaram mais queixas de alterações vocais que aqueles com menos tempo (Tabela 4), achado este concordante com outro estudo (SERVILHA; PEREIRA, 2008). O que pode justificar esse resultado é o fato de a maioria dos professores participantes da pesquisa possuírem tempo de atuação profissional curto e grande parte dos mesmos, estavam com idade entre 25 e 40 anos (Tabela 1), e por ser esse período considerado como o de maior eficiência vocal, pode ter favorecido ao professor suportar melhor a demanda vocal (BEHLAU et al., 2001).

Somado a isso, vale ressaltar que pelo fato de o desgaste da qualidade da voz ocorrer de forma progressiva, o indivíduo pode perder gradativamente a referência vocal que possuía anteriormente e deixar de perceber as modificações ocorridas em sua voz, assumindo como normal o padrão vocal alterado, identificando-se com ele e muitas vezes atribuindo a alteração aos encargos da profissão, resultado este que corrobora outros estudos realizados (FABRÍCIO; KASAMA; MARTINEZ, 2010; QUINTAIROS, 2000).

Houve maior frequência de mulheres com queixas vocais com resultados estatisticamente significativo entre os sexos (Tabela 6). O que pode justificar este resultado reside no fato dos vários papéis sociais atribuídos às mulheres, como as responsabilidades familiares e os afazeres domésticos, e gerar outra jornada de trabalho, necessitando de uma maior demanda vocal para o cotidiano, que pode comprometer a saúde vocal (GRILLO; PENTEADO, 2005; ROCHA; FERNANDES, 2008; SERVILHA, 2005). Além disso, deve-se levar em consideração que as mulheres são mais propensas a obter alterações vocais em decorrência das diferenças de configuração glótica e a menor quantidade de fibronectina e ácido hialurônico nas pregas vocais, que o sexo masculino, fato este que pode explicar o porquê de serem mais sensíveis a fonotraumas (BUTLER; HAMMOND; GRAY, 2011).

O tempo de serviço não esteve relacionado ao tempo de queixa vocal (Tabela 7) e demonstrou que esta variável não influenciou na presença ou ausência de queixas relatadas pelos docentes desse estudo. Esse resultado demonstra que o risco, em desenvolver as queixas vocais, pode não estar relacionado ao tempo de profissão e sim aos ajustes motores realizados durante a emissão da voz, por indivíduo, ocasionando assim, as queixas vocais (SOUZA et al., 2014).

Os docentes universitários deste estudo apresentaram queixas vocais que são bastante comuns nesta classe de profissionais, como a sensação de garganta seca e a rouquidão, e demonstra que, mesmo sendo professores com menor carga horária diária e condições físicas de trabalho mais estruturadas, ainda assim, estão sujeitos a queixas vocais, seja pela falta de conhecimento sobre o uso da voz, seja pelo ambiente de trabalho ao qual está exposto, ou até mesmo, por fatores intrínsecos.

CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos concluiu-se que:

- O tempo de serviço não interferiu na qualidade de vida em voz;
- O domínio físico foi o domínio mais afetado entre os professores com queixa vocal;
- As mulheres apresentaram mais queixas vocais que os homens;
- O tempo de serviço não influenciou no tempo da queixa vocal;
- As queixas vocais mais presentes foram sensação de garganta seca e rouquidão.

REFERÊNCIAS

1. ANHAIA, T. C.; KLAHR, P. S.; CASSOL, M. Associação entre o tempo de magistério e a autoavaliação vocal em professores universitários: Estudo observacional transversal. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 52-57, jan./fev. 2015.
2. AZEVEDO, L. L. et al. Queixas vocais e grau de disфонia em professoras do ensino fundamental. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 192-196, 2009.
3. BEHLAU, M. et al. Conceito de voz normal e classificação das disfonias. In: BEHLAU, M. (Org.). **Voz: o livro do especialista**, Rio de Janeiro: Revinter; 2001. p. 53-84. V.1.
4. BEHLAU, M. et al. Validação no Brasil de protocolos de auto-avaliação do impacto de uma disфонia. **Pró-fono**, Barueri-SP, v. 21, n. 4, p. 326-32, out./dez. 2009.
5. BUTLER, J. E.; HAMMOND, T. H.; GRAY, S. D. Gender-related differences of hialuronic acid distribution in the human vocal fold. **Laryngoscope**, Columbus-Ohio, v. 111, n. 5, p. 907-11, 2011.
6. BRUM, D. M. A voz do professor merece cuidados. **Revista Textual**, Porto Alegre, v.1, n. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.saudeetraballo.com.br/download/voz-do-professor.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2015.
7. FABRÍCIO, M. Z.; KASAMA, S. T.; MARTINEZ, E. Z. Qualidade de vida relacionada à voz de professores universitários. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 183-208, 2010.
8. FUCCI AMATO, R. C. **Manual de saúde vocal: teoria e prática da voz falada para professores e comunicadores**. São Paulo: Atlas, 2010. 192 p.
9. FUESS, V. L. R.; LORENZ, M. C. Disфонia em professores do ensino municipal: prevalência e fatores de risco. **Rev. Bras. Otorrinolaringol.**, São Paulo, v. 69, n.6. p. 807-812, 2003.
10. GASPARINI, G.; BEHLAU, M. Quality of life: validation of the Brazilian version of the voice-related quality of life (V-RQOL) measure. **J. voice**, Ann Arbor-Michigan, v. 23, n. 1, p. 76-78, 2009.
11. GRILLO, M. H. M. M.; PENTEADO, R. Z. Impacto da voz na qualidade de vida de professores (as) do ensino fundamental. **Pró-fono**, Barueri-SP, v. 17, n. 3, p. 321-330, dez. 2005.
12. HOGIKYAN, N. D.; SETHURAMAN, G. Validation of an instrument to measure voice-related quality of life (V-RQOL). **J. voice**, Ann Arbor-Michigan, v. 13, n. 4, p. 557-569, dez. 1999.
13. KASAMA, S. T.; BRASOLOTTO, A. G. Percepção vocal e qualidade e vida. **Pró-fono**, Barueri-SP, v. 19, n. 1, p. 19-27, 2007.
14. MURRY, T. et al. The relationship between ratings of voice quality and quality of life measures. **J. voice**, Ann Arbor-Michigan, v. 18, n. 2, p. 183-192, 2004.
15. PIZOLATO, R. A. et al. Avaliação dos fatores de risco para distúrbios de voz em professores e análise acústica vocal como instrumento de avaliação epidemiológica. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 957-966, 2013.
16. QUINTAIROS, S. Incidência de nódulos vocais em professores de pré-escola e o seu tratamento. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 16-22, 2000.
17. ROCHA, V. M.; FERNANDES, M. H. Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 23-27, 2008.
18. SERVILHA, E. A. M.; PEREIRA, P. M. Condições de trabalho, saúde e voz em professores universitários. **Rev. ciênc. méd.**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 21-31, jan./fev.2008.
19. SERVILHA, E. A. M.; COSTA, A. T. F. Conhecimento vocal e a importância da voz como recurso pedagógico na perspectiva de professores universitários. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 13-26, 2015.
20. SERVILHA, E. A. M.; ROCCON, P. F. Relação entre voz e qualidade de vida em professores universitários. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 440-448, jul./set. 2009.
21. SOUZA, L. B. **Atuação Fonoaudiológica em voz**. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. 420 p.
22. SOUZA, L. B. R. et al. Avaliação do risco vocal em professores do ensino fundamental. **Rev. ciênc. méd. biol.**, Salvador-BA, v. 13, n. 1, p. 18-23, 2014.
23. UGULINO, A. C.; OLIVEIRA, G.; BEHLAU, M. Disфонia na percepção do clínico e do paciente. **J. Soc. Bras. Fonoaudiol.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 113-118, 2012.

Submetido em: 03/11/ 2015

Aceito em: 18/01/2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA**

RELAÇÃO ENTRE O TEMPO DE SERVIÇO E QUALIDADE DE VIDA EM VOZ DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Idade: _____

Gênero: Feminino Masculino

Centro que é docente:

CCS CB CT CCE CCHLA CCSA CE

Departamento: _____

Carga horária semanal de trabalho: _____

Queixa vocal: _____

Tempo da queixa: _____

Já realizou fonoterapia?

Sim Não

Faz o uso de Giz em sala de aula?

Sim Não

Tempo de docência na instituição atual (anos): _____

Já lecionou em outras instituições?

Sim Não

Em caso afirmativo, informar o tempo: _____

Tempo total de docência: _____

PROTOCOLO DE QUALIDADE DE VIDA EM VOZ – QVV

Publicação da validação: GASPARINI, BEHLAU 2009

Estamos procurando compreender melhor como um problema de voz pode interferir nas atividades de vida diária. Apresentamos uma lista de possíveis problemas relacionados à voz. Por favor, responda a todas as questões baseadas em como sua voz tem estado nas duas últimas semanas. Não existem respostas certas ou erradas.

Para responder ao questionário, considere tanto a gravidade do problema, como sua frequência de aparecimento, avaliando cada item abaixo de acordo o tamanho do problema que você tem. A escala que você irá utilizar é a seguinte:

- 1 = não é um problema
- 2 = é um problema pequeno
- 3 = é um problema moderado/médio
- 4 = é um grande problema
- 5 = é um problema muito grande

Por causa de minha voz	O quanto isto é um problema?
1. Tenho dificuldades em falar forte (alto) ou ser ouvido em lugares barulhentos.	1 2 3 4 5
2. O ar acaba rápido e preciso respirar muitas vezes enquanto eu falo.	1 2 3 4 5
3. Às vezes, quando começo a falar não sei como minha voz vai sair.	1 2 3 4 5
4. Às vezes, fico ansioso ou frustrado (por causa da minha voz).	1 2 3 4 5
5. Às vezes, fico deprimido (por causa da minha voz).	1 2 3 4 5
6. Tenho dificuldades em falar ao telefone (por causa da minha voz).	1 2 3 4 5
7. Tenho problemas no meu trabalho ou para desenvolver minha profissão (por causa da minha voz).	1 2 3 4 5
8. Evito sair socialmente (por causa da minha voz).	1 2 3 4 5
9. Tenho que repetir o que falo para ser compreendido.	1 2 3 4 5
10. Tenho me tornado menos expansivo (por causa da minha voz)	1 2 3 4 5